

Oposição se une para impedir votações

BRASÍLIA — Os partidos de oposição, incluindo o PMDB e o PSDB, pretendem impedir a apreciação de qualquer projeto no plenário até a votação dos votos à lei salarial, aprovada anteriormente pelo Congresso. A obstrução, que deverá durar até a quarta-feira, foi comunicada ontem ao presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), por um deputado de seu partido.

"A oposição está fazendo greve", reagiu o líder do bloco governista, deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), ao sair de uma audiência com o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho. "Esse pessoal pensa que ainda es-

tá na porta de fábrica", disse, descartando a possibilidade de o governo negociar a volta da indexação salarial vetada pelo presidente Fernando Collor. Segundo ele, o desempenho dos líderes governistas não foi contestado por Passarinho: "O ministro conhece as nossas dificuldades."

Ontem, porém, a oposição se queixava da falta, no Congresso, de interlocutores ligados a Collor. O líder do governo na Câmara, deputado Humberto Souto (PFL-MG), viajou na semana passada para os Estados Unidos, onde participa de uma missão oficial de observadores na Organização das Nações Unidas

(ONU). O líder do governo no Senado, Marco Maciel (PFL-PE), também passou a maior parte do dia fora do Congresso. Na ausência dos dois, o líder do PRN na Câmara, Cleto Falcão (AL), não quis interferir. Assistiu calado à comunicação dos oposicionistas de que obstruiriam as votações. "Não tenho condições de negociar isso", justificou.

Para o vice-líder do governo no Senado Ney Maranhão (PRN-PE) a responsabilidade pela obstrução é do comando político do Planalto: "Já disse ao Passarinho que, enquanto não obtivermos maioria de votos, a oposição vai continuar cantando de galo."